

## **Europa: o novo império**

Paulo Gadelha  
Desembargador Federal do TRF da  
5ª Região

Faz tempo, Jean Monnet, assumido divulgador da Europa e experiente fabricante de conhaque, o famoso Ine Champagne, alimentava o sonho de ser o velho continente integrado social, política, econômica e financeiramente.

Na sua concepção, com certeza, uma nação não se fazia com fronteiras. Alargá-las, ou melhor, aboli-las, era imperativo de sobrevivência.

Para o velho enólogo, a filosofia do então Mercado Comum Europeu consistia em criar, entre os dois gigantes da época, Estados Unidos da América e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, protagonistas da constante Guerra Fria, uma terceira potência, capaz de garantir uma certa estabilidade mundial, pelo menos em termos de balança comercial.

Agora, o que parecia impossível, é realidade palpável. A Europa, com paciência, renúncia, obstinação, consegue montar um dos mais poderosos blocos econômicos deste século.

É um sistema com um Produto Interno Bruto da ordem de seis trilhões de dólares, num mercado consumidor de trezentos milhões de pessoas, sem esquecer, é óbvio, a possibilidade de captar, anualmente, a cifra de um trilhão de dólares de investimentos externos.

Depois, a adoção do Euro, como moeda única, consolida o novo império.

Assim, como já previa Roberto Campos, “a Europa se engaja agora numa experiência ousada e radical: a criação de uma moeda única, o Euro, o problema das flutuações cambiais e das paridades”.

Para agilizar, administrar e europeizar o novo dinheiro, foi criado um único Banco Central.

Sem dúvida, a Europa, com tal desiderato, vai alcançar dois objetivos de há muito perseguidos: aumento de competitividade e crescimento da produção.

É que – e não vai nisso nenhum segredo de Polichinelo – o antigo continente, especialmente a França, já não parece aceitar, silente, o domínio isolado dos Estados Unidos na cena internacional.

Especificamente no caso francês, a Pátria de Napoleão vive uma espécie de nostalgia do poder.

Os seus líderes repetiam sempre: “Somos amigos dos Estados Unidos, mas não compartilhamos automaticamente o ponto de vista daquela grande nação”. E mais: “Os Estados Unidos da América se comportam de uma maneira unilateral e não fazem bem o papel de representante da comunidade internacional”.

A mão inevitável da globalização parece costurar uma alternativa para o mundo, buscando fazê-lo mais democrático e mais pluralista, em termos políticos, econômicos e financeiros.